



AS FRONTEIRAS DO CORPO UMA ANÁLISE DO FILME EVERYBODY TALKS ABOUT JAMIE NA PERSPECTIVA DE ALGUMA TEORIA QUEER

LAS FRONTERAS DEL CUERPO: UNA ANÁLISIS DE LA PELÍCULA TODOS HABLAN DE JAMIE DESDE LA PERSPECTIVA DE ALGUNA TEORÍA QUEER

THE BORDERS OF THE BODY: AN ANALYSIS OF THE MOVIE EVERYBODY TALKS ABOUT JAMIE FROM THE PERSPECTIVE OF SOME QUEER THEORY

Pedro Araújo¹

RESUMO

A teoria educacional, voltada para os estágios de desenvolvimento mental, apoiou-se na tradição dualista do ocidente produzindo e reproduzindo polaridades, onde natureza e corpo estão separados: “o corpo, localizado no âmbito da natureza, é negado na instância da cultura”. Contudo, Louro (2016) tem feito uma construção metafórica do sujeito enquanto “viajante” para argumentar que as experiências, objetivas e subjetivas, operacionalizam-se sobre um processo de desvios e retornos sobre si, presente na construção da identidade. Essa viagem coloca o corpo como elemento fundamental, já que é nele que os sujeitos são classificados, ordenados e hierarquizados, a partir de normas e valores. Neste sentido, valendo-nos das reflexões sobre a teoria queer, analisaremos algumas partes do filme *Everybody Talks About Jamie* com um intuito de compreender qual é a contribuição da escola para o discurso sobre o corpo e suas implicações; uma vez que toda a narrativa se dá em torno da escola..

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Escola. Gênero. Sexualidade. Teoria Queer.

RESUMEN

La teoría educativa se centró en las etapas del desarrollo psíquico, con base en la tradición dualista de occidente, produciendo y reproduciendo polaridades, donde naturaleza y cuerpo se separan: “el cuerpo, ubicado en el ámbito de la naturaleza, es negado en la instancia de la cultura”. Sin embargo, Louro (2016) ha realizado una construcción metafórica del sujeto como “viajero” para argumentar que las experiencias, objetivas y subjetivas, operan sobre un proceso de desvíos y retornos

¹ Licenciado no programa de graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" (UNESP) na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAR).

sobre uno mismo, presentes en la construcción de la identidad. Este recorrido sitúa al cuerpo como elemento fundamental, ya que es en él donde se clasifican, ordenan y jerarquizan los sujetos, a partir de normas y valores. En este sentido, a partir de reflexiones sobre la teoría queer, analizaremos algunos fragmentos de la película *Todos hablan de Jamie* para comprender cuál es el aporte de la escuela al discurso sobre el cuerpo.

PALABRAS-CLAVE: Cuerpo. Escuela. Género. Sexualidad. Teoría Queer.

ABSTRACT

The educational theory focused on the stages of mental development, based on the dualist tradition of the West, producing and reproducing polarities, where nature and body are separate: “the body, located within the scope of nature, is negated in the instance of culture”. However, Louro (2016) has made a metaphorical construction of the subject as a “traveler” to argue that experiences, objective and subjective, operate on a process of deviations and returns on oneself, present in the construction of identity. This journey places the body as a fundamental element, since it is in it that subjects are classified, ordered and hierarchical, based on norms and values. In this sense, using reflections on queer theory, we will analyze some parts of the film *Everybody Talks About Jamie* in order to understand what is the school's contribution to the discourse on the body; since the entire narrative takes place around the school.

KEYWORDS: Body. School. Gender. Sexuality. Queer Theory.

Introdução

Com uma fotografia onde o cinza, o azul e o rosa são predominantes, a produção cinematográfica *Everybody Talks About Jamie*, nos apresenta Jamie New (Max Harwood). Um adolescente de 16 anos, da cidade Sheffield na Inglaterra, que sonha em se tornar uma *drag queen*. Tendo o apoio de sua mãe para seguir sua carreira artística, ele precisa enfrentar o bullying na escola e uma professora nada afeita às suas escolhas.

No drama musical de Jonathan Butterell lançado em 12 de junho de 2021, ouvimos a professora de Jamie argumentar contra o fato do jovem querer ir ao baile de formatura com um vestido: “Existe uma linha tênue entre individualidade e perturbação”. Esse incômodo, presente na cena, e no filme todo de modo geral, evidencia um certo estranhamento quando deparamo-nos com construções de identidades que estão à margem do discurso hegemônico sobre o corpo, a sexualidade, o gênero, enfim, as formas de manifestação das identidades.

Para fundamentar a discussão presente neste trabalho, nos baseamos nos argumentos de Hikiji (1998). Em um estudo sobre a antropologia do cinema, a autora argumenta que os filmes podem ser caracterizados como produtos culturais, portanto, passíveis de observação, qual a interpretação revela modos de pensamentos de culturas. Dessa forma, assim como os mitos, os filmes têm origem coletiva, veiculam representações sociais que podem ser interpretadas. Contudo, entendemos que os filmes não são relatos realistas, mas dramatizações da realidade. Sendo, narrativas social e culturalmente construídas.

Defendemos as peças cinematográficas não somente como obras de arte, mas como objeto simbólico fundamentalmente definido pela sua trajetória. Argumentamos que o cinema funciona como um mecanismo pelo qual a cultura produz e reproduz seus significados. Um meio de reflexão e representação do mundo (REYNA, 2017):

O filme, não só na construção estética, mas, sobretudo, se apropriando do seu discurso social e simbólico do objeto/fenômeno representado. Isto é, o fato de ter o mundo refletido no espelho do cinematógrafo, permite tanto o pelo pesquisador, pelo informante e pelos dois juntos, no laboratório, inúmeras vezes, torna-se fundamental para novas etnografias, aqui o passo a chamar de etnografias fílmicas. (idem, 2017, p. 46).

Neste sentido, valendo-nos das reflexões sobre a teoria *queer*, propostas por Guacira Lopes Louro, analisaremos algumas partes do filme *Everybody Talks About Jamie* com o objetivo de compreender, através das posições que a professora e os alunos tomam diante das escolhas de Jamie, qual é a contribuição da escola para o discurso sobre o corpo e suas implicações; uma vez que toda a narrativa se dá em torno da escola.

Compreendendo o corpo como meio de manifestação do gênero e da sexualidade, faremos uma breve discussão, na perspectiva foucaultiana, sobre a historicização do corpo e suas possibilidades. Consequente, abordaremos o debate proposto por Louro e pela teoria *queer* e em seguida, concluiremos a discussão através da ótica apresentada.

O processo de construção deste trabalho tentou, em alguma medida, levar em conta a narrativa do filme. As cores na construção da personagem principal obedecem o desenvolvimento desta. Assim, como recurso visual, o cinza abrangeria os momentos de descobertas, inseguranças, confrontos; o azul e o rosa representariam a ambiguidade da personagem, uma vez que almejando ser uma drag queen, os compromissos diante da

hegemonia discursiva sobre gênero e sexualidade deixam de ser levados em conta; o roxo, enquanto síntese do vermelho e azul, apresenta-nos o resultado da relação dialética entre sujeito e o meio sociocultural que a narrativa tende a nos levar.

Neste sentido, após a introdução da discussão levantada, separamos os três últimos tópicos conforme as cores destacadas no filme, a fim de manter algum diálogo com a narrativa da história apresentada para nós em forma de musical.

Historicização do Corpo Sexual

A fim de garantir a força, a perenidade e a proliferação, organizada em um dispositivo de sexualidade a burguesia que se expandia em fins do século XVIII e durante o XIX, assumiu para si um corpo e uma sexualidade. A valorização desse corpo não se deu simplesmente pelas relações mercantis, mas pelo que ele poderia representar política, econômica e historicamente. Transformando-se, portanto, em um corpo de classe. Neste processo de reconhecimento do próprio corpo instaurou-se toda uma tecnologia de controle que permitia manter este corpo sob vigilância: a escola, a política habitacional, a higiene pública, as instituições de assistência e previdência, a medicalização geral das populações. Todo esse aparato administrativo e técnico acabou permitindo a transposição do dispositivo de sexualidade para a classe explorada. Assim, o corpo social foi dotado de um corpo sexual. Tendo, portanto, uma generalização a partir de um foco hegemônico. Dotado, neste sentido, de uma conotação histórica, política e econômica (FOUCAULT, 1999).

Iniciou-se uma construção técnica e científica que buscava a verdade sobre esse corpo sexuado. Essa *scientia sexualis*, adotou como técnica primeira na produção de verdade sobre o corpo, e sobre o sexo, o rito da confissão. Neste sentido, o sexo e a sexualidade foram postas em discurso técnico científico. Esse rito que outrora fazia parte do sacramento da penitência, migrou, pouco a pouco, para a pedagogia, para as relações familiares, para a medicina e psiquiatria. “Foi nesse jogo que se constituiu, lentamente, desde há vários séculos, um saber do sujeito, saber não tanto sobre sua forma porém daquilo que o cinde; daquilo que o determina, talvez, e sobretudo o que faz escapar a si mesmo” (FOUCAULT, 1999, p. 53). Dessa forma, o corpo, o sexo e a sexualidade, se tornaram, progressivamente, objetos de suspeita.

Teoria Queer e as fronteiras do gênero

Giorgio Gambem (2009) destaca que o contemporâneo enquanto ente descontínuo, onde as vértebras de seu tempo foram fragmentadas, faz dessa fratura um lugar de compromisso e encontro entre os tempos e as gerações. Em outras palavras, é o contemporâneo que, diante das descontinuidades da história, coloca em relação consigo todo um passado.

É neste contexto que as teorias pós-estruturalistas concebem um sujeito cada vez menos unificado, que desenvolve sua identidade de maneira linear, pouco a pouco, superando obstáculos. Pelo contrário, Guacira Lopes Louro (2016) tem feito uma construção metafórica do sujeito enquanto “viajante” para argumentar que as experiências, objetivas e subjetivas, individual e coletiva, operacionalizam-se sobre um processo de desvios e retornos sobre si, que provoca arranjos e desajustes, presente na construção da identidade. Essa viagem coloca o corpo como elemento fundamental, já que é nele que, ao longo dos tempos, é que os sujeitos são classificados, ordenados e hierarquizados, a partir de normas e valores (idem, 2016). Para a autora (2016, p. 15) “a viagem transforma o corpo, o caráter, a identidade, o modo de ser e estar” dos sujeitos. Neste sentido, o corpo, enquanto meio de expressão do gênero e da sexualidade, não pode ser entendido simplesmente como uma entidade biológica. Para além disso, as identidades precisam ser compreendidas sob uma ótica política, como nos lembra Foucault. A posição política desses corpos que borram as fronteiras estabelecidas sobre gênero e sexualidade ficam evidentes quando, durante uma conversa com seu mentor, Hugo (Richard E. Grant), a ex drag queen Loco Chanel, é apresentado para Jamie uma fita onde fora filmado as repressões policiais nas casas de shows durante o regime da primeira-ministra Margaret Thatcher e a pandemia de HIV/Aids, onde a homofobia latente da sociedade foi renovada, intensificando a discriminação sexual já demonstrada por certos setores da sociedade (LOURO, 2016).

Segundo Butler (2003), essa discriminação obedece a uma matriz de inteligibilidade de gênero, enquanto mecanismo socialmente construído com base em uma heterossexualidade compulsória. Essa matriz constitui uma gramática prescritiva que concebe como inquestionável, natural, normal a linearidade essencial entre sexo biológico, gênero e sexualidade. Dessa forma, inicia-se com a afirmação “é uma menina(o)” um processo de fazer dele um corpo feminino ou masculino seguindo uma

lógica linear de sexo-gênero-sexualidade. Neste sentido, ao nomear um corpo mobiliza-se uma lógica de que o sexo é anterior à cultura, binário, e que determina o gênero, que por sua vez induz a uma única forma de sexualidade (LOURO, 2016).

Contudo, o investimento no corpo pelo poder, como nos exercícios, e ginásticas, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo, produz um efeito de reivindicação desse corpo (FOUCAULT, 2015). Com essa reivindicação pelos sujeitos a sequência sexo-gênero-sexualidade apresenta possibilidade de ser subvertida. Assim, ao visualizarem as fronteiras que marcam as categorias de gênero, os agentes cruzam-na ou mesmo fixam-se em um espécie de encruzilhada. É nesta encruzilhada que drags, transexuais, bissexuais, homossexuais são vistos; são um “corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina” (LOURO, 2016, p. 8).

Com essas variadas possibilidades de performatividades² corporais a instituição que “desde o século XVIII concentrou as formas do discurso neste tema; estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores” (FOUCAULT, 1999, p. 22) tem sido desafiada por questões que, até há pouco tempo, pareciam ter respostas seguras. Como agir perante sujeitos cada vez mais autores de seus corpos?

É neste contexto que a escola se apresenta como um lugar interessante de se observar essas performatividades; uma vez que diante do dualismo ocidental entre corpo e mente, o corpo parece ter ficado fora da escola. Segundo Bell Hooks, “nós, professoras e professores, entramos numa sala de aula como se apenas a mente estivesse presente, como se fôssemos, todas, “espíritos descorporificados” (apud LOURO, 2000, p.60). É a partir dessa percepção que surge no corpo escolar o incômodo, como quando Jamie se mostra um ser corporificado.

CINZA

A pergunta feita pelo pai de Jamie aproxima-se das intervenções feitas por setores da sociedade que tendem a negar a possibilidade de existência de outras formas de performatividade: “qual é o problema em um menino querer fazer coisas de meninos?” Esse questionamento, tanto quanto no da professora que considera as

² Compreendemos a performatividade no sentido butleriano, que defende que ela desafia a percepção do senso comum de que o comportamento é simples expressão dos “eus” essenciais. Portanto, performatividade é ação que limita a cena discursiva plena de constrangimentos, portanto, alarga a possibilidade de ação e expressão (BORBA, 2014).

aspirações de Jamie como uma “perturbação”, demonstram que a medida em que essas identidades se tornam visíveis, apesar de algum apoio e até consumo de seus produtos culturais por parte da sociedade, alguns setores recrudescem a afirmação de seus valores tradicionais (Louro, 2016). Assim, não é de se estranhar o incômodo com performatividades corporais que tendem a subverter as fronteiras dos padrões sociais estabelecidos.

É por estarem inscritos em um jogo de poder que os olhares para os corpos se tornam mais minuciosos quando se trata de gênero e sexualidade. Uma vez que a definição sexual e de gênero constitui, via de regras, a referência primordial dos sujeitos (idem, 2000). Dessa maneira, os códigos sociais referentes aos gêneros autorizam ou desautorizam determinados atos e apropriação de objetos.

Os estranhamentos no âmbito escolar, como o representado pelo filme, se dão quando os corpos se apresentam culturalmente referenciados e, portanto, passíveis de subversão da regra. Isso porque, a teoria educacional, voltada para a inteligência ou consequência, com os estágios de desenvolvimento mental, apoiou-se na tradição dualista do ocidente produzindo e reproduzindo polaridades, onde natureza e corpo estão separados; “o corpo, localizado no âmbito da natureza, é negado na instância da cultura” (LOURO, 2000, p. 61). Contudo, nos lembra Louro, que a sexualidade está na escola porque faz parte dos sujeitos, não é algo que possamos nos despir.

ROSA

Wenetz (2012) nos lembra que várias estudiosas da área entendem que o gênero perpassa a noção de papéis sociais, abrangendo as construções sociais, culturais e linguísticas. Neste sentido, observando a dinâmica de crianças do ensino fundamental durante o recreio, Wenetz (2012, p. 203), relata que “as próprias falas [...] permitem observar a instauração de uma norma de linguagem que pode atuar de maneira repetida sobre a sexualidade e o gênero [...], operando como uma produção de identidades”. Segundo Butler, “Se somos construídas/os na linguagem, então esse poder constitutivo precede e condiciona qualquer decisão que possamos tomar, nos insultando, desde o começo [...] com seu poder” (apud Borba, 2014, p. 442).

Wenetz observou que um menino da escola que gostava de elástico, pular corda, pega-pega e vôlei, brincadeiras atribuídas às meninas, e que não jogava futebol e ficava sempre com as meninas recebia o apelido de “bicha”. Ainda, a autora continua

argumentando que em sua observação um outro aluno que fazia balé, também tipicamente atribuído as mulheres, mas que, no período escolar, praticava futebol e fazia parte de um grupo de meninos, não era importunado. Além do mais, quando provocado verbalmente, ele respondia com agressões; típico comportamento caracterizado como masculino.

A atribuição de sentido a esses elementos que acabam por se tornar classificatórios é visível quando ao convidar os colegas de escola para seu primeiro show drag, Jamie sofre bullying de Dean Paxton (Samuel Bottomley), um garoto popular na escola, que o chama de “aberração”.

Dessa forma, podemos observar que o sistema de classificação dos agentes “fala mais de ‘masculinidade’ e ‘feminilidade’, de ‘atividade’ e ‘passividade’ [...] do que de sobre heterossexualidade e homossexualidade” (FRY; MACRAE, 1985, p. 49), em outras palavras, a identificação de um sujeito no espaço social vai além do ato sexual em si, ela abrange o ‘como’ esse corpo se manifesta. Portanto, não importa se os sujeitos de fato mantenham relação com alguém do mesmo sexo ou sintam atração por. Ao cruzarem as fronteiras discursivamente estabelecidas sobre as performances³ masculinas e femininas, os sentidos atribuídos a si sobre suas identidades serão de subversão.

AZUL

No filme, Dean Paxton, para afirmar sua masculinidade e virilidade, cometia ataques cotidianos contra Jamie por ele ser gay e contra sua amiga, Pritti (Lauren Patel), por ser paquistanesa.

Dessa forma, argumentamos que a identidade é definida em relação a outra, ela se constitui na diferença. Contudo podemos notar que algumas ocupam, culturalmente, uma posição central, tida como normal, muitas vezes até como natural, que serve de referência às demais.

No Brasil operamos com uma identidade de referência: homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão. As identidades que orbitam essa de

³ Entendemos a performance enquanto o oposto da performatividade. Segundo Butler, a performance enquanto algo que se faz em nossas ações cotidianas, como efeito pragmático de um amálgama de recursos semióticos, constitui as identidades como algo natural. São performances repetidas que atualizam discursos historicamente e culturalmente específicos (Borba, 2014) visando uma heterossexualidade compulsória.

referência são tratadas como outras. Essa identidade de referência, por ser a norma, é tida como não-problemática. Portanto, goza de uma posição não-marcada. “Causaria estranheza se alguém, ao se apresentar diante de um grupo, afirmasse: "eu sou homossexual". A estranheza advém exatamente do fato de que se espera que todos sejam (ou pelo menos devam ser) heterossexuais” (LOURO, 2000, p. 68). Assim, são as que se diferenciam que são socialmente marcadas.

Curiosamente, essa é também a identidade mais vigiada e controlada. Desde tenra idade, várias instituições, principalmente a família e a escola, trabalham para a aquisição dessa heterossexualidade. Um contrassenso para algo que deveria ser natural. “Uma vigilância que é exercida não somente a partir do exterior, da obediência às regras, aos preceitos ou aos códigos, mas que é exercida pelo próprio indivíduo que, precocemente, aprende a se examinar, controlar, governar” (idem, 2000, p. 69).

Ao analisarmos o caso do Jamie que é conduzido até a diretoria da escola por querer utilizar roupas e acessórios tipicamente atribuídos às mulheres, parece que se faz necessário exorcizar a sugestão de familiaridade com o sexo feminino. Ou no caso da agressividade de Dean Paxton, com uma anuência silenciosa da professora, que reforçava para a comunidade escolar sua masculinidade para se afastar de qualquer indício de atração pelo mesmo sexo, ou em suas palavras, de ser “gay” como ele apontava em tom acusatório para o Jamie. Assim, os corpos masculinos devem expressar sua rejeição a qualquer traço de homossexualidade e não sugerir nada feminino. Dessa forma, para Louro (2000, p.69), “a masculinidade hegemônica constrói-se não apenas em contraposição à feminilidade, mas também em oposição a outras formas de masculinidade”.

Considerações finais

ROXO

A contribuição da escola para o estabelecimento dessas fronteiras tem importante valor simbólico e material. Simbolicamente, demonstrando o que significa estar nesta posição; materialmente, excluindo e separando os sujeitos que ocupam determinadas posições. Essa fronteira também indica que a identidade hegemônica se produz tomando o outro como limite.

Apesar de ainda se exercer a reiteração da norma, da classificação e do ordenamento, principalmente na instituição escolar onde a norma se anuncia nas falas e gestos das crianças e dos adultos. As fronteiras de gênero e sexualidade tem sido, mais do que antes, borradas, atravessadas e subvertidas (idem, 2000).

Dessa forma, o filme é concluído mostrando que, apesar da insistência da professora em reproduzir um discurso onde vigora uma regra de gênero heterossexualmente centrada e das violências por parte de alguns colegas da escola, Jamie realiza sua vontade e se torna uma drag queen. Opondo-se ao início, onde o cinza, o azul e o rosa eram hegemônicos, a cena final é multicolorida representando as várias possibilidades de situar a identidade nas encruzilhadas das fronteiras de gênero e sexualidade.

Referências

BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu** [online]. 2014, n. 43 [Acessado 28 Fevereiro 2022], pp. 441-474. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-8333201400430441>>. ISSN 0104-8333. <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400430441>.

BUTLER, Judith. “**Meramente cultura**”. **El Radaballo**. Trad. Aliacia de Santos. Buenos Aires: Ano V, n. o, 1998/99.

_____. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003 [1990].

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro – RJ: Edição Graal, 1999.

FRY, Peter; **MACRAE**, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Bril Cultural: Brasiliense, 1985.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução: Vinicius Nicatro Honesko. Chapecó – SC. Argos, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. 2. Ed; 3. Reimp – Belo Horizonte: Autentica, 2016.

_____. “Corpo, escola e identidade”. **Educação & Realidade**, 25, n. 2. 2000.

WENETZ, Ileana. Gênero, corpo e sexualidade: negociações nas brincadeiras do pátio escolar. **Cad. Cedes, Campinas**, v. 32, n. 87, p. 199-209, mai.-ago. 2012. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

Recebido em abril de 2022.

Aprovado em julho de 2022.

Revista
Diversidade
e Educação